

Quando a ideia se autorreconhece: psique e autoconsciência em Carl Gustav Carus¹

When the Idea acknowledges itself: psyche and self-awareness in Carl Gustav Carus

Sidnei Vilmar Noé²

RESUMO

Carl Gustav CARUS [*1789 – Leipzig; † 1869 – Dresden] é um representante tardio do Romantismo Alemão. Situa-se teoricamente em uma linha que se estende desde PLATÃO (se bem que, com uma incursão decisiva em ARISTÓTELES) até F. W. J. von SCHELLING, passando por G. W. LEIBNIZ, J. G. von HERDER e, especialmente J. W. von GOETHE. O autor apresenta, ao longo de toda a sua obra, uma compreensão de um mundo «orgânico» em que tudo está intrinsecamente inter-relacionado. Isto, porque há um princípio, uma potência, uma ideia absoluta, que subjaz a tudo e quer se realizar em ato através de todas as manifestações da vida, passíveis de apreensão pelos sentidos. Esta ideia absoluta, em última análise, é o próprio deus. No ser humano esta potência pode se realizar em seu sentido pleno, através do percurso que parte de um estágio de inconsciência absoluta, passando por uma inconsciência relativa, até chegar à autoconsciência. Esta autoconsciência é idêntica, se bem que jamais possa alcançá-la plenamente, à consciência do fundamento da ideia que lhe deu origem; portanto, do próprio deus. Dela o ser humano emana e a ela, assim como as demais formas de vida, retorna, não sem deixar um rastro subjetivo no aprimoramento da própria ideia, através da sua mais ou menos bem-sucedida realização ao longo da vida.

Palavras-chave: Psique, autoconsciência, Romantismo Alemão, Carl Gustav Carus.

ABSTRACT

Carl Gustav CARUS [* 1789 - Leipzig; † 1869 - Dresden] is a late representative of German Romanticism. It lies theoretically in a line that comes from PLATO (albeit with a decisive incursion into Aristotle) to F. W. J. von SCHELLING, through G. W. LEIBNIZ, J. G. von HERDER, and especially J. W. von GOETHE. The author presents throughout his entire work an understanding of an "organic" world in which everything is intrinsically interrelated. This is because there is a

¹ Palestra Realizada na XXIV SEMANA DE FILOSOFIA DA UFJF (21-25/05/2018). Cf.: https://www.sympla.com.br/xxiv-semana-de-filosofia-da-ufjf_278148 (visitado em 05.06.2018).

² Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Religião e em Filosofia, pesquisando e lecionando especialmente na área de Psicologia da Religião. Contato: sidnei.noe@ufjf.edu.br . Submetido em 05/06/2018; aceito em 05/04/2019.

principle, a power, an absolute idea, which underlies everything and wants to be fulfilled through all the manifestations of life, apprehended by the senses. This absolute idea, at least, is God himself. In the human being this power can be realized in its full sense, through the course that starts from a stage of absolute unconsciousness, passing through a relative unconsciousness, until reaching the self-consciousness. This self-consciousness is identical, though he never can reach it fully, to the awareness of the ground of the idea that gave rise to him; therefore, of God himself. From it the human being, as well as other forms of lives, emanates and to it he returns, not without leaving a subjective trace in the improvement of the idea itself, through its more or less successful realization throughout his own life.

Keywords: Psyche, Self-awareness, German Romanticism, Carl Gustav Carus.

1. Introdução à questão hermenêutica

Por que ocupar-se com o resgate de um autor absolutamente desconhecido no contexto lusófono, bastante ignorado internacionalmente e, visto com arrogância, que beira à «eutanásia acadêmica», em sua própria terra natal? Se não, como compreender a afirmação de uma resenha de um livro publicado recentemente sobre o autor³: “[c]omo um cientista da natureza a ser levado a sério, CARUS já não contava entre seus contemporâneos.”⁴

Esta pergunta remete à questão hermenêutica que subjaz a qualquer trabalho, especialmente no contexto das ciências do espírito, notoriamente na Filosofia, sobre o impulso que acendeu a «fagulha» inicial para ressuscitar do ostracismo à vida, a obra de um autor que prenuncia, enquanto artista, médico, filósofo, psicólogo e escritor, um considerável legado para a compreensão do desdobramento do pensamento ocidental, sob o viés do Romantismo, em sua expressão tudesca tardia.

Fui agraciado há dez anos com uma bolsa CAPES de estágio pós-doutoral com um projeto que basicamente se perguntava sobre a gênese histórico-filosófica do conceito de *inconsciente*. Como lócus, que sempre me acolheu amigavelmente, escolhi minha segunda *alma mater* a Philipps-Universität Marburg (porque a primeira sempre foi e será a EST, em São Leopoldo). Esta Universidade (fundada em 1º. de julho de 1527) vem me alimentando do «hidromel», pelo qual tanto o meu espírito irrequieto anseia, desde os tempos de estudante de Teologia, no intercâmbio e, mais tarde, no doutorado.

Ora, por este lugar tão aprazível e belo vagaram outrora os irmãos GRIMM, em sua busca pelas estórias e lendas que os aldeões contavam à prole e que nos descortinam um mundo mágico de sonho e fantasia, que ainda hoje nos encanta. Lá também se encontra a “Casa do Romantismo” (*Haus der Romantik*), dedicada ao círculo de amigos de Bettina e Clemens Brentano, composto por Karoline von Günderode, Sophie Mereau, Achim von Arnim, Leonhard e Friedrich Creuzer, Karl Wilhelm Justi, Friedrich Carl von Savigny e pelo Pastor Bang. Além disso, é o lar da “coleção de pesquisa em Ciência da Religião” (*Religionskundliche Sammlung*), fundada em 1927, pelo teólogo e filósofo da religião, Rudolf Otto, cuja *opera magna*, “das Heilige”⁵ é certa- e amplamente conhecida.

³ Cf. Jutta MÜLLER-TAMM, *Kunst an Gipfel der Wissenschaft. Ästhetische und –wissenschaftliche Weltaneignung bei Carl Gustav Carus*. (Quellen und Forschungen zur Literatur- und Kulturgeschichte I [234]). Berlin - New York : de Gruyter, 1995. 254 pp.

⁴ “Als ernstzunehmender Naturwissenschaftler galt Carus seinen Zeitgenossen nicht.” Cf. J. OSINSKI/J. MÜLLER-TAMM, *Studien zu Carl Gustav Carus*, p. 348.

⁵ Cf. R. OTTO, *O Sagrado*, 1917.

Pois bem, conforme prometido no projeto de estágio pós-doutoral, este período redundou em duas publicações, igualmente ignoradas, como as do autor estudado: “*Am Anfang war das Es: Zur psychophilosophischen Vorgeschichte der Unterscheidung von bewusst und unbewusst vor dem Aufkommen der Tiefenpsychologie*”⁶ e o “Inconsciente é a chave para o consciente”⁷. Ao lado destas publicações, iniciei em 2017 um projeto de tradução das principais obras de C. G. CARUS e que no momento já conta com a tradução da obra do autor de 1846, “*Psyche: zur Entwicklungsgeschichte der Seele*” (516 pp. em alemão-gótico)⁸ e da obra tardia de 1866, “*Vergleichende Psychologie oder Geschichte der Seele in der Reihenfolge der Thierwelt*” (339 pp.)⁹. A próxima obra a ser traduzida é intitulada “*Natur und Idee oder das Werdende und sein Gesetz: eine philosophische Grundlage für die spezielle Naturwissenschaft*”, de 1861 (532 pp.)¹⁰.

Minha atenção voltou-se especialmente a este autor em função justamente do processo de reconstrução do caminho do conceito de *inconsciente* ao longo da história do pensamento ocidental: deparei-me com o fato de que suas raízes mais remotas seguramente encontram-se em Gottfried Wilhelm LEIBNIZ, com sua compreensão das *petites perceptions*, que escapam ao discernimento *clare et distincte*.¹¹ O caminho do desenvolvimento do conceito foi retraçado pormenorizadamente no primeiro artigo referido¹² e, no contexto desta exposição não poderá ser retomado com o rigor devido.

Basta-nos enfatizar aqui, de modo especial, como C. G. CARUS chegou até a formulação do célebre mote “o inconsciente é a chave [hermenêutica] para o consciente”¹³, a partir de sua *opus magnum*, recém traduzida, *Psyche* (porém, ainda, não publicada!). Neste contexto, é necessário dizer, que a reinterpretção do conceito chave «inconsciente», pelo Romantismo, representou nada menos que um *Kehrpunkt* (ponto de virada) na história do pensamento ocidental:

Não é nenhum exagero afirmar que o Romantismo é de fato o lar espiritual do conceito de inconsciente. Dito de maneira pontiaguda é possível afirmar que, no empuxo da *Tempestade e Ímpeto*, a relação entre os conceitos consciente e inconsciente se inverteu: se até então o inconsciente era considerado uma mancha opaca à luz do consciente, a qual deveria ser alumada, a partir de agora, o consciente é concebido como um mero fecho de luz em meio à escuridão que tudo envolve do inconsciente. Soma-se a isso uma distinção decisiva no uso das palavras: a luz passa a ser vista não exclusivamente de modo positivo e as trevas, de modo negativo. Ao contrário, a partir de agora o reino das sombras da alma passa a ser visto como a verdadeira câmara dos tesouros do divino no ser humano.¹⁴

⁶ Cf. S. V. NOÉ, *Am Anfang war das Es...*, 2013. Trad.: “No princípio era o *id* acerca da pré-história psicofilosófica da distinção entre consciente e inconsciente antes do começo da Psicologia do Profundo”.

⁷ Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave para o consciente...*, 2015.

⁸ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, 1846. Trad.: “Psique: acerca da história do desenvolvimento da alma”.

⁹ Cf. C. G. CARUS, *Vergleichende Psychologie...*, 1866.

¹⁰ Cf. C. G. CARUS, *Natur und Idee...*, 1861. Trad.: “Natureza e ideia ou o devir e sua lei: um fundamento filosófico para a ciência natural em especial”.

¹¹ G. W. LEIBNIZ, *Neue Abhandlungen zum menschlichen Verstand*, p. 10 s.

¹² Cf. S. V. NOÉ, *Am Anfang war das Es...*, 2013.

¹³ Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave para o consciente...*, 2015.

¹⁴ Texto original: “Es ist keine Übertreibung zu behaupten, dass die Romantik die eigentliche geistige Heimat des Begriffes des Unbewussten ist. In zugespitzter Form kann man sagen, dass im Zuge des *Sturm und Drangs* sich das Verhältnis zwischen den Begriffen Bewusst und Unbewusst umkehrte: war bis dato das Unbewusste ein dunkler Fleck im Lichte des Bewussten, das es zu illuminieren galt, ist von nun an das Bewusste lediglich ein heller Strahl in der allumfassende Dunkelheit des Unbewussten. Dazu kommt ein entscheidender Unterschied im Sprachgebrauch: Licht ist nicht mehr ausschliesslich positiv und Dunkelheit

2. Breve introdução à vida e obra de Carl Gustav Carus¹⁵

O polímata, médico, pintor, filósofo e escritor C. G. CARUS (nascido em 1789, em Leipzig e falecido em 1869, em Dresden), aos 22 anos, já possuía dois doutorados, um em Filosofia e outro em Medicina, junto à Universidade de Leipzig, onde também começou a lecionar anatomia comparada. Em 1817 foi convocado para a função de médico-obstetra e diretor da maternidade de Dresden, onde foi cofundador, no ano seguinte, da Academia de Medicina Cirúrgica e que leva o seu nome até hoje como Hospital de Clínicas Universitário Carl Gustav Carus.

Como pintor, foi influenciado especialmente por Caspar David FRIEDRICH (1774-1840) e por Johan Christian DAHL (1778-1857), com os quais também manteve laços de amizade pessoais, fazendo a transição entre o Romantismo tardio e o Realismo, através de representações paisagísticas.

Enquanto filósofo, trata-se de um dos últimos representantes da *filosofia natural romântica* e, de modo geral, também é situado sob a categoria do *idealismo mágico*¹⁶, característico do Romantismo Inicial, cujo expoente mais notório foi NOVALIS (Georg Philipp Friedrich von HARDENBERG, 1772-1801). Segundo D. BRINKMANN¹⁷, C. G. CARUS é um representante de um conceito *vital* de inconsciente¹⁸ e, do ponto de vista da história da ciência, “o primeiro a apresentar uma sistematização da história do inconsciente”.¹⁹ Destarte, situa-se na linha Arthur SCHOPENHAUER e de Georg BÜCHNER: “They represent variations on the same theme. For all three, the psyche is guided by irrational impulse, but the impulse itself is part of a larger natural order that is conceived along broadly Goethean lines”.²⁰

Suas fontes mais remotas, todavia, situam-se na filosofia de PLATÃO, especialmente no que concerne ao conceito de «ideia em si» ou «ideia absoluta»; em ARISTÓTELES, no que diz respeito aos conceitos de “entelêquia” e da distinção entre “potência e ato”; em G. W. LEIBNIZ, precisamente em função do conceito de “mônada” ou “monas”; em F. W. J. von SCHELLING, no que se refere à “ação da natureza em si”²¹; e, especialmente, e de modo muito idiossincrático, em J. W. von GOETHE, com o qual manteve uma amizade pessoal e que cabalmente corrobora, aos olhos de C. G. CARUS, como a genialidade do artista é capaz de

negativ. Im Gegenteil: von nun an wird das Schattenreich der Seele als die wahre Schatzkammer des Göttlichen im Menschen angesehen.” Cf. S. V. NOÉ, *Am Anfang war das Es...*, p. 194.

¹⁵ Em 2009/10 foi prestada uma homenagem ampla à sua vida e obra completa, através de exposições, acompanhadas de duas publicações científicas, na cidade de Dresden (*Staatliche Kunstsammlungen, Galerie Neue Meister*) e em Berlim (*Staatliche Museen zu Berlin, Alte Nationalgalerie*).

¹⁶ O objetivo do Idealismo Mágico é reintegrar a harmonia perdida entre o ser humano e o todo, a qual somente é possível pressentir interiormente e realizar exteriormente, por exemplo, através da arte. Cf. H. SIMON, *Der magische Idealismus*, 1906.

¹⁷ Cf. D. BRINKMANN, *Probleme des Unbewussten*. Leipzig/Zürich : Rascher, 1943.

¹⁸ Cf. S. V. NOÉ, *Am Anfang war das Es*, p. 195.

¹⁹ Cf. S. V. NOÉ, *Am Anfang war das Es*, p. 201.

²⁰ Trad.: “Eles todos representam variações de um mesmo tema: para todos os três, a psique é guada por impulsos irracionais, mas estes impulsos em si integram uma ampla ordem natural que é concebida na larga esteira de Goethe.” Apud BELL, 2005, p. 208. Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave para o consciente*, p. 165.

²¹ Cf. C. G. CARUS, *Psyche*, p. 70 s. Note-se que no original o autor traz uma longa citação de Schelling, sem, todavia, informar a fonte; ou seja, de memória: “qualquer movimento e ação, todo impulso de vida, também aquele da natureza, é tão somente pensar desprovido de consciência ou se dá na forma do pensar; quanto mais se mostra a normatividade na natureza, tanto mais espiritual parece seu agir; os fenômenos ópticos já seriam inteiramente uma geometria, cujas linhas são traçadas pela luz e a teoria completa da natureza seria aquela, em razão da qual toda a natureza se dissolveria em uma inteligência.” (NT).

apreender a ideia em si, quando, por exemplo, alude a uma expressão de J. W. von GOETHE: “uma ideia veio a mim!”²²

E, finalmente, enquanto escritor, ainda que tenha produções importantes relacionadas à zoologia, anatomia, entomologia, medicina, arte e turismo, seu legado mais importante consiste nas seguintes obras: *Vorlesung zur Psychologie* (“Preleção sobre Psicologia”, realizada junto a Universidade de Leipzig no semestre de inverno de 1829/30 e publicada em 1831); *Psyche* (“Psique”, de 1846), *Symbolik der menschlichen Gestalt* (“Simbolismo da forma humana”, de 1858), *Natur und Idee* (“Natureza e Ideia”, de 1861) e *Vergleichende Psychologie* (“Psicologia Comparativa”, de 1866). É de se destacar que o seu texto pode ser lido quase como uma obra de prosa, às vezes até de poesia, repleto de frases de efeito, metáforas e exemplos práticos, muitas vezes, inclusive, adentrado peculiaridades anatômicas e relacionando-as com o desenvolvimento psíquico. Para ilustrá-lo, inicialmente apresento o seguinte excerto do Prefácio à obra magna *Psyche*:

Ao disponibilizar ao público uma obra, ao longo de anos preparada, bastante amadurecida em meu espírito, sempre novamente repensada, eu não posso me furtar em dispensar algumas palavras acerca de tantas formas humanas distintas de pensar em relação ao trabalho aqui apresentado. Quem alguma vez em sua vida já olhou atentamente ao redor de si; quem prestou atenção às infinitamente diversificadas direções nas quais se move o espírito do ser humano, quando se trata das coisas divinas, e assim também, das da alma, esperando pedir ou obter alguma resposta mais definida, este inicialmente se dará conta, de que lá onde se pressuporia uma dor profunda em relação ao mistério que paira sobre estas questões; sim, até mesmo um afã calcinante pela resolução de inquirições que tenham por objeto o totalmente essencial, o profundamente humano, e que deveria por toda parte habitar o âmago do coração humano, ao contrário, encontrará, e não poderá furtar-se à constatação, de que uma parcela muito superior das naturezas humanas age com um elevado grau de indolência, para não dizer indiferença, justamente a este respeito. — Aquelas almas, que já em períodos mais remotos de desenvolvimento de seus espíritos, não são deixadas em paz, no sentido de corresponderem ao impulso inato em direção ao autoconhecimento; estas almas, que daí em diante serão impulsionadas por um anelo interior em busca do alimento, que Dante outrora já denominara de “pão dos anjos”, estas sempre perfizeram apenas uma ínfima porção da humanidade.²³

3. A questão do método “genético”

Em relação ao método, já em sua preleção de 1829/30, C. G. CARUS procura desvincular-se dos *modi operandi* até então consagrados: o “descritivo”, porque basicamente equivaleria a um “procedimento típico de um viajante ou turista” e não faria jus “à necessidade mais profunda do espírito humano, qual seja, a de inquirir sobre o processo de desenvolvimento dessas formas naturais, e, concomitantemente, fazê-las reviver no espírito, reconstruindo-as mentalmente.”²⁴; também se distancia da “observação analítica da natureza”, porque, citando de memória J. W. von GOETHE, “quem quer ter ciência e descrever algo vivo, procura, primeiramente, arrancar-lhe seu espírito e assim possui as partes em sua mão; infelizmente, então, falta-lhe o elo espiritual que as unia”²⁵; igualmente descarta o método “teleológico”,

²² Cf. C. G. CARUS, *Psyche*, p. 145.

²³ C. G. CARUS, *Psyche*, p. III.

²⁴ Cf. C. G. CARUS, *O inconsciente é a chave...*, p. 146 s.

²⁵ Cf. C. G. CARUS, *O inconsciente é a chave...*, p. 147.

porque “não pode ser adequado pesquisar a natureza tão somente a partir da pergunta pela sua utilidade ao ser humano.”²⁶ Em contrapartida, propõe o “método genético”:

[c]omo o próprio nome indica, o termo vem de gênese, ou seja, formação, criação, início. É, portanto, o método que em suas observações procura seguir o caminho, tão próximo quanto possível, ao caminho traçado pela própria natureza na formação de suas manifestações. Esse caminho começa tipicamente por uma fase simples e indiferenciada, desenvolvendo-se em direção à riqueza de diversidade e complexidade, preservando, todavia, sua unidade na pluralidade.²⁷

Desta feita, aplicando o “método genético” ao processo de constituição da psique, C. G. CARUS reconstrói o seguinte caminho:

Aplicado à etiologia da psique humana, o método genético pergunta pela sua base mais elementar e tenta reconstruir o seu desdobramento histórico. Trata-se, pois, de ir à busca do estágio mais remoto de desenvolvimento da psique, sabendo que a sua proto-origem, a partir da fonte originária no espírito cósmico (*Weltgeist*), bem como o seu ocaso e desaparecimento final nesse, permaneça envolto em um mistério insondável. Dois são os caminhos possíveis para essa tarefa: a) retroceder aos estágios mais primordiais da própria consciência; b) onde esse caminho alcança seus limites, comparar os elementos observáveis em organizações mais elementares e incompletas da vida da alma (por exemplo, plantas ou animais).¹⁹

4. A psique

A partir deste método “genético”, pois, a pergunta fundamental se refere à «gênese», ao princípio de todas as coisas, chegando ao seguinte *a priori*:

[...] tudo nos aponta para o fato de que somente um único princípio daquilo que é vivo, somente algo que se move por si mesmo – falando nos termos aristotélicos, uma enteléquia, ou com Platão, uma ideia, ou ainda, uma psique, uma alma, em suma, algo divino, podendo chamá-lo como se queira – pode ser a condição fundamental de qualquer forma de vida e, portanto, de qualquer formação.²⁸

De modo ainda mais enfático, o autor delimita este “marco zero” de seu pensamento, aludindo ao Fedro de PLATÃO²⁹:

‘Cada alma é imortal. Pois, o que sempre se move é imortal, ao passo que aquilo que move outra coisa e, por sua vez, também é movido por outra e, portanto, possui uma parte do movimento, também detém uma parte da vida. Logo, somente o que se move a si mesmo, porque jamais pode abandonar a si mesmo, também não deixará de ser movido; pelo contrário, tudo o mais que é movido constitui esta fonte e início do movimento. Este início, todavia, é não-originado.’³⁰

Portanto, este único princípio, “não-originado”, que está na base de tudo o que existe, seja da vida orgânica ou inorgânica – a ideia em si – que em C. G. CARUS é idêntica ao divino ou ao próprio deus, constitui uma organicidade, uma espécie de macrocosmo, que subjaz a todo

²⁶ Cf. C. G. CARUS, *O inconsciente é a chave...*, p. 147.

²⁷ Cf. C. G. CARUS, *O inconsciente é a chave...*, p. 147.

²⁸ Cf. C. G. CARUS, *Psyche*, p. 8 s.

²⁹ Cf. PLATÃO, *Fedro*, p. 57.

³⁰ Cf. C. G. CARUS, *Psyche*, p. 8.

o microcosmo. Tudo o que existe no âmbito da vida material é perpassado pela ideia e cada distinção que podemos fazer entre plantas, animais, rochas, seres humanos etc., nada mais representa do que uma realização particular, em ato, da potência que, em sentido último, confere a todo o membro uma atribuição específica, enquanto parte deste todo. Cada ser, neste sentido, já nasce com um horizonte ideal para o seu desenvolvimento, que lhe é conferido de antemão pela ideia em si, enquanto necessidade intrínseca à mesma de vir-a-ser de modo particular, isto é, como desdobramento de si mesma.

É interessante observar, neste tocante, como C. G. CARUS argumenta para explicar esta passagem da ideia em si ao nível da matéria. Destarte, temos o seguinte quadro:

“A fase mais originária, simples e indiferenciada é uma bolha [*Kugel*] líquida, basicamente constituída por água: portanto, em qualquer espécime natural, sua base originária é uma gota de líquido [*Tropfen Flüssigkeit*]”. Essa base constitutiva original se desdobra de dentro para fora, se subdivide em diferentes partes, passa por transformações e metamorfoses, preservando, todavia, sua ideia originária, não obstante a multiplicidade, diferenciação e diversidade das partes.³¹

O conceito de psique, por conseguinte, equivalente à alma ou à ideia, como visto mais acima na referência a PLATÃO, é compreendido como um processo de devir, ao qual toda a espécie de ser está fadada a se subordinar, inconscientemente, como uma necessidade intrínseca, um imperativo inato, conforme a particularidade da ideia que lhe deu origem. Neste sentido, C. G. CARUS pode fazer a distinção entre três estágios de realização em ato da alma:

- a) A fase mais remota seria a da indiferença elementar, onde o ser é somente uma ideia genérica; ou seja, estaria imerso totalmente em seu inconsciente: ele se encontra em um sono inebriante, seus sentidos estão voltados para si mesmo; ele é definido apenas pela sua necessidade de crescimento, alimentação, evacuação e reprodução; não possui sistema neuronal ou esse é apenas precariamente desenvolvido. Como exemplos, o autor menciona pólipos, estrelas do mar, conchas. Esses seres se encontrariam em um estado sonambúlico. A alma é uma com a espécie que representam e da qual são uma parte. Isto é, se situariam praticamente no mesmo estágio das plantas.
- b) Já em um estágio intermediário, o indivíduo da espécie adquire a consciência do mundo, através do desenvolvimento dos sentidos. Esse seria o caso de moluscos mais desenvolvidos, animais que possuem membros, cabeças maiores, como insetos, peixes, anfíbios, pássaros e mamíferos. A característica comum seria o desenvolvimento de um sistema neuronal.
- c) E, finalmente, o estágio mais evoluído seria aquele quando o organismo adquire consciência de si mesmo. Esse estágio somente seria alcançado pelo ser humano capaz de desenvolver a autoconsciência, ou seja, inquirir e buscar a compreensão da ideia que lhe deu origem e fundamento. Neste sentido, “o ser humano é o ponto final de um passado infinito; o ponto central de um presente infinito e o ponto inicial de um futuro infinito”³²

Portanto, é destino inexorável do ser humano, pré-estabelecido no todo orgânico da ideia em si, que este desenvolva sua alma até o ápice da descoberta e da reflexão da ideia posta em seu fundamento. À medida que contempla o fundamento de seu ser no todo que lhe deu origem e para o qual retorna após seu mais ou menos bem-sucedido processo de autorreconhecimento e autorrealização ao longo da vida, ele cumpre a sua função peculiar, enquanto «solista» único, no coro geral da humanidade: “[...] assim chegamos à descoberta de

³¹ Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave...*, p. 148.

³² Cf. S. V. NOÉ, C. G. CARUS, 1831, p. 150.

que somente a humanidade seja o verdadeiro ser humano, e cada ser humano individual, somente um órgão especial desse todo maior, e que, portanto, a alma humana individual precisa ser compreendida como uma das ideias infinitas no espírito da humanidade, que dele emerge e se torna realidade [...]”³³

A polaridade entre inconsciente e consciente, sempre nesta ordem, neste sentido, é a «chave hermenêutica» para o desenvolvimento da alma em direção ao espírito autoconsciente “pois a alma somente é o que de fato é, ou seja, uma ideia do divino, quando ela se refere continuamente à sua fonte originária, seja de modo consciente ou inconsciente”³⁴. Uma vez que a ideia em si se encontra nas regiões inconscientes, remotas, da alma, é necessário sempre reiteradamente mergulhar nas mesmas para gradativamente realizar conscientemente o destino último e iniludível a ser alcançado:

A hipótese que o autor sustenta pode ser subsumida da seguinte forma: há uma alma originária que perpassa todas as coisas e que, em última análise, é o próprio deus. Essa alma originária, também caracterizada pelo autor como a ideia em si, encontra-se inicialmente em estado inconsciente em todas as coisas. Poder-se-ia também dizer que se encontra potencialmente no fundamento de todas as coisas. Algumas coisas, dentre elas também diversas espécies do mundo vegetal e animal, possuem graus variados de despertar. Esse despertar equivale à tomada de consciência; portanto, ocorre em diferentes níveis, passando pela consciência de mundo até chegar à autoconsciência, característica exclusiva do ser humano. Todavia, mesmo alcançando a autoconsciência, ou seja, a consciência de sua própria missão como parte da ideia originária que impulsiona à sua realização em ato, no estado do sono, ocorre um retorno a esse estado originário, inconsciente, de imersão na ideia em si que está na origem.³⁵

Esta maneira de encarar a questão faz com que o autor se debruce cada vez mais sobre os estudos comparativos e que deram origem à publicação tardia, já quase ao final de sua vida, de *“vergleichende Psychologie oder Geschichte der Seele in der Reihenfolge der Thierwelt”* (1866, 339 pp.). Nesta obra, C. G. CARUS ilustra com requinte de exemplos comparativos, de diferentes ordens e espécies de animais, aquilo que já antecipara na preleção de 1829/30³⁶:

Como foi referido, no que concerne a tudo isso, o mais importante é que também aqui nós sustentemos a convicção de que a alma animal não é, qualitativamente e em si mesma, essencialmente distinta da humana, pois ambas se vivem aí como o lado ideal de um sistema neuronal e de sua estrutura central; mas que, por outro lado, no que se refere ao grau de desenvolvimento quantitativo, ambas são muito diferentes entre si, e os animais jamais alcançam o patamar superior, ao qual os seres humanos foram destinados. Se encararmos as coisas sob esta luz, como poderá nos surpreender o fato de que muitas vezes se manifestem no animal tantas coisas características da alma humana como, por exemplo, sua capacidade de observar, de lembrar, de fazer comparações e até mesmo (à medida que não se tenha termos equivalentes à expressão) tirar conclusões, totalmente no estilo de um ser humano! Em suma, o conhecimento das coisas pode ser alcançado de modo geral pelos animais e, de modo especial e em grau elevado, pelas aves. Em contrapartida, o reconhecimento, o ato de relacionar retroativamente aquilo que foi reconhecido sensorialmente à unidade de seu fundamento ideal, este jamais será

³³ Apud C. G. CARUS, *Vorlesung über Psychologie*, p. 85. Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave...*, p. 151.

³⁴ Apud C. G. CARUS, *Vorlesung über Psychologie*, p. 108. Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave...*, p. 151.

³⁵ Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave...*, p. 151 s.

³⁶ Cf. C. G. CARUS, *Vorlesung über Psychologie*, 1831.

possível de ser alcançado pelo animal! Este estágio somente é alcançado pelo ser humano amadurecido em direção à autoconsciência.”³⁷

5. A autoconsciência

Destarte, o autor pode diferenciar, seguindo ARISTÓTELES, entre uma anima geral e indiferenciada, inconsciente, que está na base de tudo o que existe, e que pode se revelar através de uma *anima vegetativa, sensitiva (ou reflectiva)* e, finalmente, *cogitativa*.³⁸ A *anima geral* ou *anima mundi*, que fundamenta todo o ser, pode ser caracterizada da seguinte maneira:

A este respeito muitas vezes se apontou para o fato de que os termos utilizados para este princípio misterioso de toda a vida de forma banal coincidem com os que usamos para falar de respiração ou aragem, enquanto *anima, spiritus, pneuma* e similares, e acreditava-se que esta denominação simbólica tão somente provém da respiração, como uma das formas de manifestação mais perenes e indiscutíveis; eu, todavia, gostaria de arriscar a conjetura de que a escolha dessa designação ainda tem outro sentido e que, neste ínterim, está se falando de algo muito maior do que de uma aragem e da respiração do corpo, metaforicamente, sobre o sopro divino. Já a curiosa expressão em Gênesis “e Ele soprou-lhe o hálito vivo em seu nariz e, logo, o ser humano se tornou uma alma viva”, evidentemente tem este sentido, assim como o “inspirar” e o “estar inspirado” somente podem ser remetidos a esta compreensão. De maneira muito bonita esta ideia, por conseguinte, se associa ao pensamento, que somente aquilo que é vivo, a partir do qual agora também este sopro divino pode ser percebido como algo divino em ação e palavra, ou seja, expira e ressoa — (*per-sonare* assim como o ator da antiguidade, através da máscara) somente pode fornecer-nos o conceito de um indivíduo que se autodefine, segundo um conhecimento superior (razão).³⁹

Assim como metaforicamente aludimos, por exemplo, a uma pessoa que se encontra em coma irreversível, como estando em um modo de vida vegetativo, também boa parte dos seres vivos se resume a esta *anima vegetativa*. Ela é, portanto, uma extensão idêntica da ideia em si e carrega em si o imperativo de realizar-se em direção ao ideal da espécie da ideia que lhe concede origem. Já em um patamar acima, se situam aqueles seres que chegam a *anima reflectiva*, e nisso se incluem os animais e o próprio ser humano, à medida que conseguem «espelhar» internamente o mundo exterior apreendido através dos sentidos e, portanto, reagir ao mesmo, segundo a necessidade premente da ideia fundamental que os rege. E, finalmente, no topo da cadeia, encontra-se o ser humano, que alcança o estágio da *anima cogitativa*. Este se caracteriza fundamentalmente pela «liberdade» que alcança em relação à determinação vegetativa e mesmo refletiva, ou seja, em relação à natureza da ideia que lhe deu origem, bem como, ao mundo, que, através dos sentidos, se espelha dentro do mesmo. Dito em sentido inverso:

quanto mais distante um organismo permanecer da autoconsciência, tanto menos acentuada será sua individualidade em absoluto e tanto mais este precisa ser considerado em sua imbricação inconsciente em um organismo geral; ou seja, tanto mais dependente este será em relação àquele, no que diz respeito à sua maneira de se viver-se aí e tanto mais restrito em relação à apercepção, interiorização e intuição de todos os processos vitais deste organismo genérico. Em parte, desse modo, se nós nos ativermos a este reconhecimento, muitas coisas se nos tornam

³⁷ Cf. C. G. CARUS, *Vergleichende Psychologie...*, p. 186.

³⁸ Cf. C. G. CARUS, *Vorlesung über Psychologie*, p. X.

³⁹ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 8 s.

evidentes no que concerne a história daqueles organismos inferiores que conhecemos: nós compreendemos, porque proto-organismos, plantas e animais inferiores ainda se encontram totalmente sujeitos às alterações da vida telúrica e porque sua formação interior – como se antecipasse inconscientemente – sempre se desenvolve de acordo com os humores do círculo vital em que se encontram inseridos, de modo que, por exemplo, através destes é possível reconhecer diversas previsões das mudanças atmosféricas e coisas semelhantes, das quais nosso estado consciente em si não é capaz de ter um conhecimento mais aproximado.⁴⁰

Em outras palavras, trata-se de destino irredutível da espécie humana, em geral, e do ser humano individual, subjetivamente, alçar seu voo durante a sua vida em direção aos píncaros do sublime em si, através da gradativa ciência de si mesmo; isto é, de sua autoconsciência, que vai se constituindo paulatinamente sob a forma de espírito (*Geist*). Neste contexto, o autor faz referência a J. W. von GOETHE: “[d]e acordo com a lei segundo a qual surgiste – assim precisas ser – desta não podes te esquivar, e tempo ou poder nenhum despedaça, a forma cunhada, que viva, se desenvolve.”⁴¹ Este é o fado do ser humano, que, por um lado, pode representar uma bênção, pois que, como nenhum outro ser pode alcançar um tipo de liberdade que se assemelhe à sua, em relação ao princípio da necessidade, da autoconservação e da autopetuação, e, por outro, sua tragédia, haja vista que jamais chegará, como Ícaro, nem perto da resplandecência da verdadeira fonte do ser, a cujo ser quer se unir plenamente através de seu espírito:

Justamente neste contexto, onde essa estruturação pela primeira vez nos fica transparente, é necessário destacar ainda um momento mui singular na peculiaridade deste terceiro elemento, qual seja, que este terceiro é de fato superior, no qual a ideia diretamente e pela primeira vez se manifesta como algo capaz de assumir a condição de liberdade, tão somente realmente pode se manifestar e se tornar clara por meio da recepção e do reconhecimento da influência externa e da execução e da intenção em assumir uma reação contrária. Todo o tipo de sentimento de si mesmo, portanto, cada saber obscuro em relação à própria condição, sim, qualquer autoconsciência nítida é condicionada, em parte, por uma abrangente quantidade de representações, isto é, por impressões sensoriais que se tornaram permanentes na alma e que são rememoradas e as quais a alma necessita para através delas escrever ou ler a palavra “eu”; e, em outra, igualmente pela multiplicidade de atos de vontade rememorados relativos ao desejar e ao amar ou ao repugnar e ao odiar, através dos quais a alma manifesta sua relação com o mundo exterior.⁴²

Todavia, esta liberdade em relação à ideia inconsciente que lhe serve de princípio «prometéico», inclusive no sentido de rejeitá-la, pode fazer com que o ser humano se afaste cada vez mais do seu prumo interior, o que, por sua vez culmina em angústia, doença e desespero. A maneira de enfrentar esta paulatina alienação do verdadeiro si-mesmo, a própria natureza já indicou: no sono, o espírito desperto à luz da autoconsciência vai gradativamente se apagando e o ser retorna à energia fundamental que o sustenta inconscientemente e reencontra o seu «nadir», para então voltar renovado e não se perder em seu caminho em direção ao «zênite» de seu ser, que, em última instância é, após o reconhecimento da própria ideia que lhe deu origem e forma, a autoconsciência, a contemplação da ideia em si, isto é, o reconhecimento do próprio deus.

⁴⁰ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 81.

⁴¹ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 75.

⁴² Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 118 s.

O momento exato, todavia, em que o espírito desponta, enquanto labareda da chama eterna da alma inconsciente, não pode ser determinado com exatidão. Neste contexto, muitas vezes C. G. CARUS fala de um “milagre”, tanto em termos filo- quanto ontogenéticos. Chega, inclusive, a propor que determinadas espécies de animais “às vezes se situam muito próximos à autoconsciência”⁴³ Isto, porque “[a]mbas, alma e espírito, não devem ser designadas, como muitas vezes se apresentou na psicologia, como duas essências paralelas; mas, assim como a alma se refere à ideia que se desenvolveu a estágios mais elevados; o espírito se refere à alma que, como tal, se desenvolveu a níveis superiores”⁴⁴:

Portanto, não devemos contrapor a consciência de mundo à consciência em si, mas que a consideremos tão somente enquanto a primeira etapa de alguma forma de consciência. Esta etapa, a partir de então, confere o nome de alma à ideia e é também aquela a partir da qual se tornam possíveis os desenvolvimentos superiores, como a autoconsciência e, em seu ápice a consciência de Deus. Assim não devemos temer nenhum tipo de contradição em relação ao termo consciência de mundo e podemos propor, como fundamentação suficiente, a seguinte sentença: “a primeira comprovação do estado consciente da alma, imediatamente após seu estado meramente inconsciente, aparece enquanto estado de consciência de mundo”.⁴⁵

Por extensão, além do fato de que é necessário pressupor “um determinado desenvolvimento quantitativo e qualitativo do orgânico (...), enquanto condição indispensável para a tomada de consciência da alma”⁴⁶, o espírito em si se desdobra da seguinte maneira no processo de desenvolvimento da alma em direção ao seu apogeu:

A terceira etapa, finalmente, é caracterizada pelo desenvolvimento do espírito em meio ao surgimento da autoconsciência e somente então reaparece com clareza a trifurcação da vida anímica enquanto reconhecer, sentir e querer. O desenvolvimento da alma em direção ao espírito, entretanto, não acontece, assim como em qualquer outro tipo de desenvolvimento, de maneira abrupta e em um momento específico, mas paulatinamente e, à medida que ocorre um enriquecimento cada vez maior das representações e, por meio de comparações e de avaliações das mesmas, sob o critério da energia contida na ideia que lhe deu origem. Aqui, pois, onde em consequência de um espelhamento do eu, isto é, a ideia mais própria de si mesmo, nas representações de um mundo exterior, inicialmente, se dá o milagre de um processo de tomada de autoconsciência. Este milagre, aliás, que em si, tanto quanto a própria existência de um mundo, somente pode ser reconhecido e é refratário a maiores explicações.⁴⁷

E, finalmente, onde início e fim se reencontram, é necessário

que sempre se tenha em mente que a alma, enquanto pensamento de deus, isto é, ideia divina, somente deve ser entendida como um todo e indivisível; que assim como qualquer desenvolvimento específico novo da mesma sempre integra e abrange sua condição anterior e como, não obstante, suas múltiplas metamorfoses e as diferentes direções que assume, estas representam formas de revelação de sua essência, justamente porque o próprio espírito é algo divino e infinito e que, por

⁴³ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 115 s.

⁴⁴ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 100.

⁴⁵ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 101.

⁴⁶ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. III.

⁴⁷ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 154 s.

isso, nunca esgota sua essência ao se desdobrar em determinada direção, permanecendo, deste modo, um todo único e indivisível.⁴⁸ 88 s

6. A alma humana e a consciência de deus

A alma humana, aquela, portanto, que se desenvolveu enquanto espírito em direção à compreensão da ideia ideal que lhe deu origem e lhe confere sentido, participa, neste sentido, da eternidade da própria ideia. Não é que a alma individual, ao ter alcançado este ápice de seu desenvolvimento, seja imortal: ela retorna à ideia em si, dentre as quais a ideia da humanidade, como um coletivo, é a representação mais excelsa, justamente porque chegou à percepção de si mesma, e da qual surgiu e para cujo aprimoramento contribuiu de maneira mais ou menos bem-sucedida, ao longo de sua vida:

Enquanto, naturalmente, o espírito ainda permanecer na fase do entendimento e voltado principalmente à contemplação da finitude, assim como ao mundo dos sentidos este se lhe apresenta, parece-lhe um milagre que algo multiplamente dividido, ainda assim, deva ser encarado como uma unidade; e à medida que ele, em contrapartida, mais e mais alcança uma verdadeira percepção de sua própria essência, isto é, chega à razão e à verdadeira autoconsciência, cessa esta sensação de dependência de um milagre e começa a perceber-se inteira- e propriamente em seu verdadeiro elemento, isto é, não tendo fronteiras, sendo uma unidade indivisa e eterna.⁴⁹

Durante todo o desdobramento da ideia da humanidade, através de sua particularização enquanto espírito individual, sempre se faz prevalecer o primado do inconsciente sobre a sua realização em ato, sob a forma de autoconsciência, que no seu limite chega ao reconhecimento de deus, enquanto fonte original de toda a vida:

Ao longo de toda a nossa vida, como um ser que chegou à autoconsciência, continua silente e ininterruptamente a agir aquilo que anteriormente denominamos de inconsciente absoluto, embora não como um inconsciente geral, mas sim, parcial, e representa a primeira condição da forma de manifestação de nossa vida como um todo.⁵⁰

Já o ponto culminante deste processo é descrito com as seguintes palavras:

Uma contemplação profunda e atenta dessas condições, todavia, inicialmente deverá nos indicar o seguinte: cada ideia particular, assim também a ideia superior que tenha se desenvolvido ao estado de autoconsciência de uma individualidade humana, se encontra, em parte, diante do mistério divino mais excelso, deus, e, em outra, diante da multiplicidade infinita de tais ideias, entre as quais ela mesma se situa e cuja existência fundamenta àquilo que nós descrevemos como universo, isto é, o mundo. De acordo com cada qual das direções, portanto, já surgirá a possibilidade de que a essência mais interior de uma ideia renascida à autodeterminação livre se desenvolva mais ou menos e que disso resulte duplamente ou uma maior aproximação ou afastamento em relação a outros seres. A direção da ideia em direção ao mistério supremo, podemos denominar de intimidade com deus e o afastamento do mesmo, como ateísmo.⁵¹

⁴⁸ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 161.

⁴⁹ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 162.

⁵⁰ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 173 s.

⁵¹ Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 230.

Portanto, e para finalizar esta exposição sintética do pensamento de C. G. CARUS,

A tarefa mais sublime de uma autêntica arte de viver, por conseguinte, somente poderá ser a de viver-aí continuamente a perfeita harmonia, afinada pela autoconsciência e pela consciência de deus, entre sentimento, reconhecimento e vontade e, justamente através desta, promover e alcançar um desenvolvimento cada vez mais elevado da ideia fundamental de nossa existência.⁵²

7. Conclusão e perspectivas

O «esquecimento» de C. G. CARUS e de sua obra é sintomático! Isto, porque, enquanto antítese ao racionalismo a ser levada a sério, já em sua época, o Romantismo, especialmente o tardio, por ele representado, se encontra em uma batalha perdida na história do desenvolvimento ocidental, que cada vez mais se distancia de modelos de conhecimento “especulativos” em favor de compreensões mais alinhadas aos pressupostos epistemo- e metodológicos empíricos positivos das ciências naturais. Por isso, críticos podem afirmar que o modelo de compreensão da vida anímica apresentado por C. G. CARUS, na linha de G. W. LEIBNIZ e F. HEIDER e não na linha de C. WOLFF, já em sua época se apresenta como “decididamente voltado para trás” (*entschieden rückwärtsgewandt*⁵³) e já foi rechaçado em 1824/25 por Johann Friedrich HERBART como “imprestável, enquanto esboço idealista, para análises psicológicas”⁵⁴.

Por que, então, dois séculos depois, “desenterrar estes ossos antigos”⁵⁵. Ora, pelo valor em si destes mesmos «ossos»! Eles nos abrem uma janela para uma época em que ainda se podia pensar a vida como um todo, e em que — não obstante o discernimento das partes que o compõem — se procurava por aquele princípio fundamental, a verdade, que faz com que este todo não se resuma às partes que podem ser funcionalmente descritas pelo paradigma de ciência e que já em sua época gradativamente foi se impondo como o píncaro do desenvolvimento da arte de compreender o mundo. Como o famoso aforismo de K. LEWIN que “o todo é sempre mais que a soma das partes”⁵⁶ ou na referida lembrança do Fausto de J. W. von GOETHE de que a ciência arranca o espírito daquilo que procura descrever e, assim, perde as partes que o tornava uno, é justamente por este seu “anacronismo”⁵⁷ que C. G. CARUS se torna hoje em dia novamente atual.

Depois do desencanto com três séculos de modernidade racionalista, utilitarista, mecanicista, um modelo que tenta integrar “empíria e especulação”⁵⁸, ao contrário de ser abandonado ao ostracismo em um almoxarifado de algum museu «macambúzio e sorumbático», sua «miragem» romântica soa como uma aragem refestelante. Se não pelas ideias que defende, mas também por elas — ou como então compreender as modernas narrativas ecológicas que intentam reintegrar o ser humano no cosmo, de modo especial, na natureza? — ao menos pela sua referência ao gênio romântico, que através de sua arte logra trazer à tona os tesouros absconsos da alma humana. E, neste tocante, em especial, é necessário falar de um crescente reinteresse pelo autor, a partir da segunda metade do século passado, tendo em vista sua relação íntima com J. W. von GOETHE.

⁵² Cf. C. G. CARUS, *Psyche...*, p. 371 s.

⁵³ Cf. J. OSINSKI e J. MÜLLER-TAMM, *Studien zu Carl Gustav Carus*, p. 348.

⁵⁴ Cf. J. OSINSKI e J. MÜLLER-TAMM, *Studien zu Carl Gustav Carus*, p. 349.

⁵⁵ Cf. S. V. NOÉ, *O inconsciente é a chave...*, p. 165.

⁵⁶ Cf. K. LEWIN, *Problemas de dinâmica de grupo*, 1978.

⁵⁷ Cf. J. OSINSKI e J. MÜLLER-TAMM, *Studien zu Carl Gustav Carus*, p. 348.

⁵⁸ Cf. J. OSINSKI e J. MÜLLER-TAMM, *Studien zu Carl Gustav Carus*, p. 348.

Em especial, é necessário recuperar o devido crédito ao autor por ter sido “o primeiro a apresentar uma sistematização da história do inconsciente”⁵⁹, como citado anteriormente, antes do mui conhecido «filósofo do inconsciente» K. R. E. von HARTMANN, em sua clássica obra em três tomos, *Filosofia do Inconsciente*, de 1869. Mais do que isso, como poucos autores, ele consegue sinteticamente articular o espírito de uma época, para o qual ele, assim como muitos contemporâneos, olha para trás, com um quê de nostalgia – e porque não dizer – saudade, em função de seu «elã vital».

Referências

- BRINKMANN, Donald. *Probleme des Unbewussten*. Leipzig/Zürich : Rascher, 1943.
- CARUS, Carl Gustav. *Psyche. Zur Entwicklungsgeschichte der Seele*. 2ª ed. revisada e ampliada. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964. 544 S.
- _____. *Vergleichende Psychologie*. Wien : Wilhelm Braumüller, 1866. 316 pp.
- _____. *Vorlesung über Psychologie*. Ministrada no semestre de inverno 1829-30. Lipzig : G. Fleischer, 1831. 432 pp.
- LEWIN, K. *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- NOÉ, Sidnei Vilmar. Am Anfang war das Es: Zur psychophilosophischen Vorgeschichte der Unterscheidung von bewusst und unbewusst vor dem Aufkommen der Tiefenpsychologie. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 53 n°. 1. Pp. 178-204 (2013).
- _____. O inconsciente é a chave para o consciente. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo v. 55 n. 1, p. 144-168 (2015).
- OTTO, Rudolf [1917]. *O sagrado*. aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de W. O. Schlupp. São Leopoldo : Sinodal/EST; Petrópolis : Vozes, 2007. 224 pp.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo : Edipro, 2011. 128 pp.
- SIMON, Heinrich. *Der magische Idealismus: Studien zur philosophie des Novalis*. Heidelberg : Carl Winter, 1906. 145 pp.

⁵⁹ Cf. S. V. NOÉ, *Am Anfang war das Es*, p. 201.